

**DEPRESSÃO ENTRE TÉCNICOS E AUXILIARES DE ENFERMAGEM EM UMA UNIDADE HOSPITALAR PÚBLICA**

*Thaís Aparecida de Castro Palermo<sup>1\*</sup>, Thaynara Melo Burla de Souza<sup>2</sup>, Ana Carlyne da Silva Caetano<sup>3</sup>, Aline Teixeira Marques Figueiredo Silva<sup>4</sup> & Carolina Magalhães dos Santos<sup>4</sup>*

PALERMO, T.A.C.; SOUZA, T.M.B.; CAETANO, A.C.S.; SILVA, A.T.M.F.; & SANTOS, C.M. Depressão entre técnicos e auxiliares de enfermagem em uma unidade hospitalar pública. *Perspectivas Online: Biológicas & Saúde*, v.10, n.35, p.1-11, 2020.

**RESUMO**

O trabalho dos técnicos e auxiliares de enfermagem em unidades hospitalares pode resultar em impactos profundos a saúde psíquica destes trabalhadores, pois envolve uma rotina desgastante e cansativa, além de um ambiente instável, agitado e com tarefas intensas. A exposição frequente a estes fatores estressores compromete a saúde, interfere nos níveis de produtividade e pode comprometer a segurança do paciente. Sendo assim, este estudo teve como objetivo identificar os sintomas depressivos entre os técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade hospitalar pública. Trata-se de um estudo de caráter descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em um hospital público de referência em um município do interior do Estado do Rio de Janeiro. A amostra foi selecionada por conveniência, sendo incluídos os técnicos e os auxiliares de enfermagem atuantes há pelo menos um ano na unidade onde o estudo foi realizado e excluídos aqueles em que no momento da coleta de dados estavam de férias, licença médica ou maternidade. O instrumento

de coleta de dados foi composto por um questionário de caracterização sociodemográfica e ocupacional dos sujeitos, seguido do Inventário de Depressão de Beck. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva utilizando o software SPSS, versão 20.0. Participaram deste estudo 99 profissionais, sendo 57,6% auxiliares de enfermagem e 42,4% técnicos de enfermagem. A maioria do sexo feminino (85,9%), com idade média de 51 anos (DP=8,5 anos), casado (44,4%), com um tempo médio de atuação na enfermagem de 23,7 anos (DP=7,8 anos), trabalhando em plantões de 24 horas semanais (80,9%) e atuando em áreas críticas (59,8%). A sintomatologia depressiva leve e moderada foi identificada em 43,5% dos técnicos e em 38,5% dos auxiliares. Conclui-se que estes profissionais são frequentemente expostos a fatores estressores considerados de risco para as doenças mentais e que a implementação de ações de rastreamento é primordial para a promoção da saúde do trabalhador, para a segurança e para a qualidade da assistência prestada aos pacientes.

**Palavras-chave:** Depressão; Profissionais de enfermagem; Estresse psicológico.

<sup>1</sup>Pesquisadora Orientadora - Laboratório de Estudos em Saúde Pública – LAESP/ISECENSA – Curso de Enfermagem - Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

<sup>2</sup>Aluna bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/ISECENSA - Curso de Enfermagem.

<sup>3</sup>Aluna bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq - Curso de Enfermagem.

<sup>4</sup>Pesquisadoras Colaboradoras - Laboratório de Estudos em Saúde Pública – LAESP/ISECENSA

(\*) e-mail: thaisacpalermo@gmail.com

Data de recebimento: 27/08/2020.

Aceito para publicação: 21/09/2020.

Data da publicação: 27/11/2020.

## DEPRESSION BETWEEN TECHNICIANS AND NURSING AID IN A PUBLIC HOSPITAL UNIT

*Thaís Aparecida de Castro Palermo<sup>1\*</sup>, Thaynara Melo Burla de Souza<sup>2</sup>, Ana Carolyne da Silva Caetano<sup>3</sup>, Aline Teixeira Marques Figueiredo Silva<sup>4</sup> & Carolina Magalhães dos Santos<sup>4</sup>*

PALERMO, T.A.C.; SOUZA, T.M.B.; CAETANO, A.C.S.; SILVA, A.T.M.F.; & SANTOS, C.M. Depression between technicians and nursing aid in a public hospital unit. **Online Perspectives: Biological & Health**, v.10, n.35, p.1-11, 2020.

### ABSTRACT

The work of nursing technicians and assistants in hospital units can result in profound impacts on the mental health of these workers, as it involves an exhausting and tiring routine, in addition to an unstable, hectic environment and with intensive tasks. Frequent exposure to these stressors compromises health interferes with productivity levels and can compromise patient safety. Therefore, this study aimed to identify depressive symptoms among nursing technicians and assistants in a public hospital. This is a descriptive, exploratory study with a quantitative approach, carried out in a public reference hospital in a city in the interior of the State of Rio de Janeiro. The sample was selected for convenience, including technicians and nursing assistants who have worked for at least one year in the unit where the study was carried out, and those who were on vacation, sick leave, or maternity leave were excluded. The data collection instrument consisted of a questionnaire of sociodemographic and

occupational characterization of the subjects, followed by the Beck Depression Inventory. The data were analyzed using descriptive statistics using the SPSS software, version 20.0. 99 professionals participated in this study, 57.6% of nursing assistants, and 42.4% nursing technicians. The majority were female (85.9%), with an average age of 51 years (SD = 8.5 years), married (44.4%), with an average length of experience in nursing of 23.7 years (SD = 7.8 years), working 24 hours a week (80.9%) and working in critical areas (59.8%). Mild and moderate depressive symptoms were identified in 43.5% of the technicians and 38.5% of the assistants. It is concluded that these professionals are frequently exposed to stressors considered to be risk factors for mental illnesses and that the implementation of screening actions is essential for the promotion of workers' health, for safety, and the quality of care provided to patients.

**Keywords:** Depression; Nurse practitioners; Stress psychological.

<sup>1</sup> Pesquisadora Orientadora - Laboratório de Estudos em Saúde Pública – LAESP/ISECENSA – Curso de Enfermagem - Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

<sup>2</sup> Aluna bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/ISECENSA - Curso de Enfermagem.

<sup>3</sup> Aluna bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq - Curso de Enfermagem.

<sup>4</sup> Pesquisadoras Colaboradoras - Laboratório de Estudos em Saúde Pública – LAESP/ISECENSA

(\*) e-mail: thaisacpalermo@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A depressão é considerada um dos maiores problemas de saúde pública do mundo e com isso a área de saúde ocupacional mental (SOM) tem recebido destaque nas pesquisas científicas. Esse interesse se deu pelo expressivo aumento da prevalência de transtornos psicológicos, tanto na população em geral quanto na parcela economicamente ativa (LUZ et al., 2018).

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) destacam que a depressão ocorre em pessoas de todos os sexos, idades e origens, afetando cerca de 350 milhões de pessoas em todo o mundo e está entre as principais causas de incapacidade (FERNANDES & MARCOLAN, 2017).

O estresse é um dos principais motivos que causa acidentes de trabalho no mundo, representando 25% das notificações de afastamento por invalidez. O Brasil perde somente para o Japão em número de trabalhadores vítimas de problemas psicológicos (LUZ et al., 2018; RIBEIRO et al., 2018).

De acordo com Silva et al. (2015), a depressão e o suicídio são fatores que provocam intenso sofrimento na vida das pessoas acometidas e no seu ciclo pessoal, como familiares, amigo e comunidade. Essas alterações psicológicas são consideradas problemas de saúde pública, tendo em vista que a depressão corresponde a 4,3% da carga global das doenças e está entre as maiores causas de incapacidade do mundo. Os profissionais de enfermagem sofrem frequentemente com os problemas de saúde mental, como a depressão e o suicídio, já que lidam com o sofrimento humano diariamente.

A relação entre a depressão e o trabalhador é articulada através de estressores no ambiente laboral, definindo como resultado um desequilíbrio entre as demandas que a profissão exige e a capacidade do trabalhador em realiza-la, o que está diretamente associado a tensão profissional, que afeta de forma negativa a saúde mental dos trabalhadores. Os estudos mostram que a prevalência de depressão ou sintomas depressivos entre os profissionais de enfermagem apresentam índice superior a 20%, considerado elevada comparado a população em geral (DONATO et al., 2015).

Os técnicos e auxiliares de enfermagem interagem a maior parte do tempo com indivíduos que necessitam de cuidado. O ambiente laboral desses profissionais exige subordinação e hierarquização, com intensa carga horária, falta de autonomia, alto índice de rotatividade, esforços físicos intensos, exposição a agentes biológicos e cuidados à pacientes com diferentes necessidades e nível complexidade. No mercado de trabalho, é uma classe de trabalhadores pouco reconhecidos com crescente terceirização e elevada informalidade (RIOS et al., 2010).

A depressão e o estresse no trabalho estão diretamente relacionado às condições de trabalho em profissionais com nível técnico, tendo em vista que esses profissionais lidam com tarefas repetitivas, sobrecarga de trabalho, alto nível de competitividade e baixa remuneração. Tais fatores podem ocasionar o desenvolvimento do estresse, e se não forem solucionados, podem levar à danos na saúde mental, manifestando em depressão ou outros transtornos psíquicos (DONATO et al., 2015).

Estes profissionais atuam na prestação de cuidados imediatos a pacientes em estado grave, atuando em um nível intermediário na equipe de enfermagem. Conclui-se que ao lidar com diversas situações no dia a dia, esses profissionais possuem maior necessidade de controle emocional, já que lidam diariamente com o sofrimento humano, incluindo o óbito de pacientes (GOMES et al., 2013).

Os sintomas de depressão são mais elevados nos técnicos de enfermagem, segundo uma pesquisa realizada com 20.993 profissionais da classe. Destaca-se como reflexão a necessidade de os profissionais estarem atentos à presença de transtornos mentais, para que sejam diagnosticados e enfrentados antes que afete seu desempenho profissional, pois, com o diagnóstico precoce, é possível articular programas de melhoria (OLIVEIRA et al., 2020).

Diante do aumento do número de trabalhadores da saúde com transtornos mentais, destaca-se a necessidade da implementação de programas de atenção à saúde do trabalhador, a ampliação da atuação de serviços como o de psicologia e psiquiatria em ambientes hospitalares, que, prestem atendimento aos colaboradores (FERREIRA e FERREIRA, 2015).

A Agenda Nacional de Prioridade de Pesquisas em Saúde destaca o impacto da reestruturação do trabalho sobre a saúde, considerando os riscos químicos, físicos, biológicos, psicossociais, biossegurança, ergonomia e iatrogenias, dentre outros. Destaca também a relevância da realização de estudos sobre agravos, incluindo-se os acidentes e doenças decorrentes da sobrecarga de trabalho, exposição a fatores de risco, transtornos neurocomportamentais, mentais e avaliação da qualidade de vida no trabalho formal e informal (BRASIL, 2015).

Carvalho (2018) enfatiza a importância do trabalhador da área da saúde estar gozando de boa saúde, tanto no aspecto físico quanto no emocional, principalmente pelo fato de mesmo cuidar do outro. Fatores como desânimo, tristeza, apatia, irritabilidade, depressão e ansiedade podem colaborar para o comprometimento da qualidade da assistência prestada, prejuízos na produtividade, no desempenho e na satisfação do trabalhador.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo identificar os sintomas depressivos entre técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade hospitalar pública de referência em um município do interior do Estado do Rio de Janeiro.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em uma unidade de atendimento hospitalar de referência de um município localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, com população de 463.731 habitantes (IBGE, 2010).

A amostra foi selecionada por conveniência, sendo incluídos os técnicos e auxiliares de enfermagem atuantes há pelo menos um ano no hospital onde o estudo foi realizado e excluídos aqueles em que no momento da coleta de dados estavam de férias, licença médica ou maternidade.

O instrumento de coleta de dados foi composto por um questionário de caracterização sociodemográfica e ocupacional dos sujeitos, seguido do Inventário de Depressão de Beck – IDB (LUZ et al., 2018). O IDB é composto por 21 itens e inclui sintomas e atitudes depressivas dos últimos 15 dias, cuja intensidade varia de 0 a 3. A classificação dos níveis é obtida pelo somatório dos valores, sendo:

- 0 a 13 sem depressão ou depressão mínima;
- 14 a 19 para depressão leve;
- 20 a 28, depressão moderada;
- 29 a 63 com depressão grave.

As questões avaliadas referem-se à perda de interesse por sexo, cansaço ou fadiga, dificuldade de concentração, alteração de apetite, irritabilidade, alterações no padrão do sono, falta de energia, desvalorização, indecisão, perda de interesse, agitação, choro, pensamentos suicidas, autocrítica, autoestima, sentimentos de punição, sentimento de culpa, perda de prazer, fracasso, pessimismo e tristeza.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, utilizando o *Statistics Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 20.0 e os resultados apresentados por meio de gráficos e tabelas. A categorização das variáveis quantitativas foram realizadas utilizando como referência o tercil. A consistência interna do inventário foi avaliada pelo Coeficiente Alfa de Cronbach a fim de verificar a fidedignidade da medida a que o instrumento se propõem a mensurar. Valores acima de 0,70 são considerados confirmativos para esse fim (FIELD, 2009). O IDB foi analisado de acordo com a padronização dos escores e comparadas as respostas dos itens, bem como do escore final de cada escala entre si.

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA (CEP/ISECENSA) nos termos da Resolução 466/12, sendo aprovado sob o CAAE nº 25607119.8.0000.5524. Também foi apreciado pela instituição coparticipante. Os sujeitos que concordaram em participar da pesquisa, receberam informações quanto aos objetivos da mesma e da garantia do seu anonimato, a ausência de sanções ou prejuízos pela não participação ou pela desistência, a qualquer momento, do direito de resposta às dúvidas e da inexistência de qualquer ônus financeiro ao participante, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 3. RESULTADOS

Participaram deste estudo 99 profissionais, sendo 57,6% auxiliares de enfermagem e 42,4% técnicos de enfermagem. A maioria do sexo feminino (85,9%), com idade média de 51 anos (DP=8,5 anos), variando entre 28 e 68 anos, branco (35,4%) e pardo/mestiço (35,4%), percebendo até R\$898,10 *per capita* (35,4%), casado (44,4%) e natural do Rio de Janeiro (58,6%).

**Tabela 1** – Caracterização sociodemográfica de técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade hospitalar pública (n=99). Rio de Janeiro, 2020.

| Variáveis                  | n  | %    |
|----------------------------|----|------|
| <b>Sexo</b>                |    |      |
| Masculino                  | 14 | 14,1 |
| Feminino                   | 85 | 85,9 |
| <b>Idade</b>               |    |      |
| Até 46 anos                | 28 | 28,3 |
| De 47 a 54 anos            | 38 | 38,4 |
| 55 anos ou mais            | 32 | 32,3 |
| <b>Raça</b>                |    |      |
| Preto                      | 27 | 27,3 |
| Branco                     | 35 | 35,4 |
| Amarelo                    | 2  | 2    |
| Pardo (mestiço)            | 35 | 35,4 |
| <b>Renda per capita</b>    |    |      |
| Até R\$898,10              | 35 | 35,4 |
| De R\$898,11 a R\$2.162,17 | 30 | 30,3 |
| R\$2.162,18 ou mais        | 20 | 20,2 |
| <b>Estado civil</b>        |    |      |
| Casado                     | 44 | 44,4 |
| União estável              | 15 | 15,2 |
| Separado                   | 31 | 31,3 |
| Solteiro                   | 8  | 8,1  |
| <b>Naturalidade</b>        |    |      |
| Fora do Brasil             | 5  | 5,1  |
| Alagoas (AL)               | 1  | 1,0  |
| Espírito Santo (ES)        | 1  | 1,0  |
| Rio de Janeiro (RJ)        | 58 | 58,6 |

Quanto à caracterização ocupacional destes profissionais, disseram possuir um tempo médio de atuação na enfermagem de 23,7 anos (DP=7,8 anos), com um vínculo (56,7%), funcionário público (96,9%), trabalhando em plantões de 24 horas semanais (80,9%) e atuando em áreas críticas (59,8%).

**Tabela 2** – Caracterização ocupacional de técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade hospitalar pública (n=99). Rio de Janeiro, 2020.

| Variáveis                      | n  | %    |
|--------------------------------|----|------|
| <b>Função</b>                  |    |      |
| Técnico de Enfermagem          | 42 | 42,4 |
| Auxiliar de Enfermagem         | 57 | 57,6 |
| <b>Tempo de profissão</b>      |    |      |
| Até 19 anos                    | 29 | 29,3 |
| De 20 a 26 anos                | 35 | 35,4 |
| 27 anos ou mais                | 35 | 35,4 |
| <b>Número de vínculos</b>      |    |      |
| Um                             | 55 | 56,7 |
| Dois                           | 36 | 37,1 |
| Três                           | 6  | 6,2  |
| <b>Tipo de vínculo</b>         |    |      |
| Funcionário público            | 95 | 96,9 |
| Terceirizado                   | 3  | 3,1  |
| <b>Turno</b>                   |    |      |
| Diarista                       | 4  | 4,3  |
| Plantões noturnas              | 2  | 2,1  |
| Plantões diurnos               | 12 | 12,8 |
| Plantões de 24 horas semanais  | 76 | 80,9 |
| <b>Setor por classificação</b> |    |      |
| Áreas críticas                 | 58 | 59,8 |
| Áreas semicríticas             | 39 | 40,2 |

A consistência interna do Inventário de Depressão de Beck, avaliada pelo Coeficiente Alfa de Cronbach, atestou fidedignidade ao instrumento. O instrumento IDB obteve 0,82 de confiabilidade Alfa de Cronbach. A média dos escores do IDB entre os técnicos de enfermagem foi de 11,8 (DP=6,1), variando entre 2 e 26; e a média dos escores entre os auxiliares de enfermagem foi de 12,5 (DP=8,8), variando entre 1 e 38. Os sintomas depressivos foram identificados em 43,5% dos técnicos e em 38,5% dos auxiliares, sendo considerados os indivíduos que apresentaram depressão leve e moderada. A depressão grave foi identificada apenas entre os auxiliares (3,8%).

**Tabela 3** – Depressão entre técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade hospitalar pública (n=99). Rio de Janeiro, 2020.

| IDB                               | Técnicos de enfermagem |      | Auxiliares de enfermagem |      |
|-----------------------------------|------------------------|------|--------------------------|------|
|                                   | n                      | %    | n                        | %    |
| Sem depressão ou depressão mínima | 13                     | 56,5 | 15                       | 57,7 |
| Depressão leve                    | 8                      | 34,8 | 6                        | 23,1 |
| Depressão moderada                | 2                      | 8,7  | 4                        | 15,4 |
| Depressão grave                   | 0                      | 0,0  | 1                        | 3,8  |

#### 4. DISCUSSÃO

No Brasil e nos demais países, a profissão de enfermagem é considerada adequada ao sexo feminino, principalmente por estar relacionada a fatores socioculturais que envolve a mulher e a cultura do cuidado, também presente nesta profissão (RIOS et al., 2010). Este fato corrobora com os achados deste estudo, onde a amostra foi predominantemente feminina.

Dados da literatura apontam que a depressão é um transtorno que afeta em sua maioria o sexo feminino, fundamentando-se em diversas variáveis, tais como: fatores biológicos, socioculturais e psicossociais. Estudos comprovam que a maior tendência da mulher desenvolver a depressão, está relacionado a fatores estressores no ambiente laboral, seja na desigualdade salarial em relação aos homens ou na vitimização pela sociedade que exige uma imagem ideal da mulher, com educação baseada em ideias machistas (SANTANA et al., 2018). Cerca de 43% dos técnicos e auxiliares de enfermagem apresentaram algum tipo de depressão, entre homens e mulheres. Entretanto, destaca-se que tais resultados se referem a uma amostra predominantemente feminina.

Segundo Vargas e Dias (2011), os indivíduos que possuem suporte familiar e matrimonial estão menos propensos ao quadro depressivo. Pode-se considerar que a relação matrimonial e familiar está inversamente proporcional com o desenvolvimento de transtornos depressivos e aumento de estresse ocupacional. Os indivíduos deste estudo em sua maioria se autodeclararam casados, fator que pode ter influenciado positivamente na ausência de sintomatologia depressiva.

Quanto à faixa etária dos sujeitos deste estudo, a maioria apresenta idade entre 47 e 54 anos. Estudo realizado por SILVA et al. (2015) aponta que a depressão atinge em sua maioria os grupos mais jovens e está relacionado à vulnerabilidade e insegurança de pouca experiência ao lidar com situações cotidianas do trabalho. Entretanto, no estudo realizado por Costa (2020), 40% dos profissionais de enfermagem com faixa etária acima de 59 anos apresentaram depressão. Não há um consenso na literatura científica que correlacione uma faixa etária específica e a depressão. Observa-se que há outros fatores que influenciam no aparecimento desta doença, como a insegurança por inexperiência e o estresse ocupacional.

No que se refere à caracterização ocupacional, a maioria dos indivíduos atuam em uma jornada de trabalho de 24 horas semanais, sendo uma característica da profissão de enfermagem a assistência ininterrupta inclusive durante o período noturno, nos finais de semana e nos feriados. O maior desafio para esses trabalhadores é adequar seu ritmo de vida as condições de trabalho, pois o desânimo e o cansaço fazem com que percam o interesse pelo lazer e pela vida social, contribuindo para o desenvolvimento de distúrbios mentais (BARBOZA et al., 2008). Segundo Vargas e Dias (2011) os trabalhadores sofrem maior impacto pelos fatores psicossociais relacionados ao trabalho noturno, considerando-se esta jornada prejudicial ao trabalhador em razão das condições críticas de trabalho, desgaste e cansaço.

Outro fator significativo em relação a caracterização ocupacional, foi o número de profissionais que atuam nas áreas consideradas críticas no serviço hospitalar, sendo a maioria no setor de terapia intensiva, onde se encontram pacientes críticos, que exigem dos trabalhadores uma assistência contínua e de alta complexidade, causando aos cuidadores um

maior desgaste físico e emocional. Estes profissionais tendem a evoluir com níveis de ansiedade, estresse e depressão (LONGHI et al., 2010).

Segundo Oliveira e Pereira (2012) os enfermeiros com tempo de profissão superior a dois anos tendem a níveis de exaustão emocional mais elevados em relação aqueles com menos tempo no exercício da profissão. Em contrapartida, os profissionais com menos tempo tendem a níveis mais elevados de ansiedade. Tais resultados corroboram com os encontrados por este estudo em que os profissionais investigados apresentaram uma média de tempo de atuação na enfermagem de 23 anos e uma porcentagem significativa com sintomas depressivos, sendo considerado aqueles identificados com depressão leve, moderada e grave. Vale ressaltar que a exaustão emocional é um dos fatores considerados de risco para esta doença.

No estudo realizado por Vargas e Dias (2011), 21% dos profissionais investigados apresentaram depressão moderada e 9% depressão grave. Os profissionais de enfermagem em sua prática laboral encontram-se expostos a psicopatologias como a depressão em virtude da relação do trabalho hospitalar e a saúde mental. Estas alterações podem ser influenciadas por fatores internos e externos (MANETTI et al., 2007). Contudo, estudos que investiguem as condições de saúde e trabalho dos profissionais da saúde se fazem cada vez mais necessários para o rastreamento, o planejamento e a implementação de medidas que busquem melhorar a qualidade de vida destes trabalhadores de grande importância no meio social, considerados fundamentais na saúde pública brasileira (SANTANA et al., 2018).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que um percentual significativo destes profissionais apresentou sintomas de depressão leve ou moderada, sendo a maioria mulheres, com tempo de profissão igual ou superior a 20 anos, atuando em turnos de 24 horas semanais e em áreas críticas no ambiente hospitalar investigado. Vale ressaltar que parte destes profissionais relataram possuir dois ou mais vínculos, aumentando a sobrecarga e o estresse ocupacional que são considerados fatores de risco para a depressão. O único fator protetor identificado foi o predomínio de indivíduos casados ou em união estável. Segundo a literatura científica, o suporte familiar ou matrimonial influencia de forma positiva, reduzindo as chances de depressão.

A média e a variação dos escores do IDB entre os auxiliares de enfermagem foi maior que a média e a variação entre os técnicos de enfermagem. Entretanto, o percentual de profissionais que apresentaram sintomatologia depressiva leve e moderada foi próximo entre ambas às categorias. Ressalta-se que apenas entre os auxiliares de enfermagem foram identificados sintomas compatíveis com a depressão grave.

O ambiente laboral destes profissionais apresenta fatores estressores e identificá-los é primordial para a prevenção e a promoção da saúde dos trabalhadores, seja física ou mental. Os gestores de saúde devem atentar-se para os sinais de alterações psíquicas em seus colaboradores e desenvolver programas de melhoria. A implementação de ações que promova o bem-estar no trabalho previne não apenas a depressão provocada pelo intenso desgaste emocional, mas também garante a segurança e a qualidade da assistência prestada aos pacientes.

Considera-se o tamanho da amostra um fator limitante deste estudo, que devido a pandemia da COVID-19 não foi possível abordar todos os profissionais atuantes no hospital investigado. Portanto, recomenda-se a realização de estudos que investiguem um número

maior de profissionais técnicos e auxiliares de enfermagem no que diz respeito a saúde mental e, principalmente, considerando o atual contexto de saúde vivenciado pelo Brasil e pelo mundo.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOZA, J.I.R.A.; MORAES, E.L.; PEREIRA, E.A.; & REIMÃO, R.N.A.A. Avaliação do padrão de sono dos profissionais de Enfermagem dos plantões noturnos em Unidades de Terapia Intensiva. **Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, USP**, v.6, n.3, p.296-301, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 Ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda nacional de prioridades de pesquisa em saúde**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, p.68, 2015. Disponível em: <<http://www.conass.org.br>>. Acesso em: 22 Ago. 2019.

CARVALHO, T.M.R. **Ansiedade, depressão e habilidades da vida em enfermeiros de UTI de um hospital escola**. Dissertação de (Mestrado) Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. FAMERP. Programa de Pós graduação de Psicologia e Saúde. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://btd.famerp.br>>. Acesso em: 22 Ago. 2019.

COSTA, V.H.S.; & GONCALVES, J.R. Análise dos fatores que levam enfermeiros à depressão. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v.3, n.6, 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 Ago. 2020.

DONATO, E.D.S.G.; CARDOSO, E.; TEIXEIRA, C.A.B.; PEREIRA, S.S.; & REISDORFER, E. Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.23, n.4, p.733-40, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 Ago. 2019.

FERNANDES, D.M.; & MARCOLAN, J.F. Trabalho e sintomatologia depressiva em enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família. **SMDA - Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v.13, n.1, p.37-44, 2017. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/resmad>>. Acesso em: 29 Abr. 2019.

FERREIRA, L.A.L.; & FERREIRA, L.L. Depressão no trabalho da enfermagem: revisão sistemática de literatura. *Universitas: Ciências da Saúde*, v.13, n.1, p.41-48, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 Ago. de 2019.

FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico** [Internet]. 2010; Brasília/DF. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acessado em: 18 de Ago. de 2020.

GOMES, R.K.; & OLIVEIRA, V.B. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de enfermagem. **Boletim de Psicologia**, v.63, n.138, p.023-033, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

LONGHI, A.; & TOMAZ, C.A.B. Variabilidade da Frequência Cardíaca, Depressão, Ansiedade e Estresse em Intensivistas. **Rev Bras Cardiol**, Brasília, v.23, n.6, p.315-323, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

- LUZ, A.A.; LIMA, D.F.; BORGES, A.A.; PEREIRA, V.O.S.; ALVES, M.G.; & DALRÍ, M.C.B. Sintomas depressivos em enfermeiros do serviço hospitalar privado. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.12, n.41, p.169-191, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 Ago. de 2019.
- MANETTI, M.L.; & MARZIALE, M.H.P. Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem. **Estudos de Psicologia**, v.12, n.1, p.79-85, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 de Julho de 2020.
- OLIVEIRA, A.V.; NASCIMENTO, E.B.; LIMA, R.N.; & AOYANNA, E.A. Suicídio entre os profissionais de saúde. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, Brasília**, v.2, n.4, p.11-6, 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 08 Julho de 2020.
- OLIVEIRA, V.; & PEREIRA, T. Ansiedade, depressão e burnout em enfermeiros - Impacto do trabalho por turnos. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v.3, n.7, pp. 43-54, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 de Julho de 2020.
- RIBEIRO, R.P.; MARZIALE, M.H.P.; MARTINS, J.T.; GALDINO, M.J.Q.; & RIBEIRO, P.H.V. Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.39, n.e65127, p.1-6, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 Ago. de 2019.
- RIOS, K.A.; BARBOSA, D.A.; & BELASCO, A.G.S. Evaluation of quality of life and depression in nursing technicians and nursing assistants. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.18, n.3, p.413-20, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 Ago. de 2019.
- SANTANA, D.B.D. et al. Transtornos depressivos e seus possíveis fatores causais em profissionais enfermeiros de um Hospital Filantrópico. **Ensaios e Ciência**, v.22, n.1, p. 43-46, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 de Maio de 2020.
- SILVA, D.S.D. et al. Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.49, n.6, p.1027-1036, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 de Maio de 2020.
- VARGAS, D.; & DIAS, A.P.V. Depression prevalence in Intensive Care Unit nursing workers: a study at hospitals in a northwestern city of São Paulo State. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.19, n.5, p.1114- 1121, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 de Maio de 2020.